

Convites para Educação da Cultura Visual

189

RAIMUNDO MARTINS & LUCIANA BORRE NUNES

Luciana Borre Nunes: Brasil, frequenta o doutorado em Arte e Cultura Visual, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiânia.

Raimundo Martins: Brasil, professor da Universidade Federal de Goiânia, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual.

Artigo completo submetido no dia 3 de junho e aprovado a 10 de junho de 2013.

Resumo: Este texto apresenta pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (Brasil). O artigo tem como foco uma discussão sobre a constituição de identidades através de artefactos culturais presentes na escola e busca problematizar os discursos normativos da telenovela Rebelde a partir da perspectiva da Cultura Visual.

Palavras chave: Sala de Aula / Cultura Visual / Novela Rebelde

Title: *Invitations to Education of Visual Culture*

Abstract: *This text presents partial results of an investigation being developed in the Graduate Program in Art and Visual Culture at the Federal University of Goiás (Brazil). The article has its focus on a discussion about the constitution of identities through cultural artifacts taken to school, problematizing the Soap Opera Rebelde normative discourses from a Visual Culture perspective.*

Keywords: *Classroom / Visual Culture / Soap Opera Rebelde*

1. Rebeldes Exercendo Pedagogias nas Salas de Aula

Diversas situações vividas em sala de aula instigam minha prática pedagógica com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, desestruturando minhas convicções enquanto professora e provocando meus olhares acerca daquilo que acredito ser uma educação de qualidade na formação inicial. Tais situações se repetem na pesquisa que estou realizando com treze estudantes dos Anos Iniciais (8 e 11 anos) em uma escola da rede pública de ensino de Goiânia, Goiás, Brasil. O estudo teve início em 2011 pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás.



Figura 1. Caderno de um estudante. Imagem produzida pela autora durante pesquisa de campo (2011).

Figura 2. Álbum de figurinhas dos Rebeldes. Imagem produzida pela autora durante pesquisa de campo (2011).



Figura 3. Gesto “Rebelde” de um estudante. Imagem produzida pela autora durante pesquisa de campo (2011).

Figura 4. Rebelde na televisão. Imagem produzida por uma aluna durante pesquisa de campo (2011).

Nessa escola, percebo que o grupo adolescente “Rebeldes” (novela brasileira) está na preferência da maioria das/os estudantes da turma com a qual realizo a pesquisa. Minha surpresa, no entanto, foi constatar que alunos e alunas não estão somente adquirindo os produtos relacionados ao grupo, mas, também, consumindo ou, aderindo, sem qualquer questionamento ou problematização, às maneiras de pensar e agir produzidas pelo grupo nos episódios/capítulos da novela.

Esses personagens — Os Rebeldes — estão presentes de maneira significativa no cotidiano das/os estudantes que, em diversas situações, utilizam o vocabulário, cantam as músicas e chamam um ao outro pelo nome dos personagens da novela. Como professora, tenho refletido sobre minhas atribuições e responsabilidades pedagógicas diante dessas preferências que invadem o cotidiano escolar. Este texto, ao apresentar resultados parciais da pesquisa, tem como foco a seguinte questão: como são produzidas as “tramas” pedagógicas na sala de aula através da novela Rebeldes?

As/os estudantes estão reproduzindo em sala de aula comportamentos e ensinamentos assistidos no programa. Visualizo em minha prática de pesquisa aquilo que Martins e Tourinho destacam como as “... culturas da mídia, com seus personagens, imagens, significados, jargões e, principalmente, com um modo próprio de expressar ideias e pensamentos, [que] constrói mundos e histórias de mundos que invadem o imaginário infantil” (2010: 42). Essa invasão no imaginário infantil repercutiu nas atitudes das crianças que passaram a ser “Rebeldes”.

Percebo que os Rebeldes estão exercendo suas pedagogias culturais na sala de aula. Estão ditando comportamentos e definindo como meninas e meninos devem agir, falar, pensar e se comportar (Figuras 1 a 4).

Ao relatar essas situações quero argumentar que inúmeras narrativas e artefatos visuais estão presentes no cotidiano das crianças, entram com elas nas salas de aula e ‘educam’. Essas narrativas e artefatos influenciam comportamentos, maneiras de pensar e agir, criando situações de estranhamento que já não passam despercebidas entre professores e crianças. Tal argumentação encontra consonância em Martins e Tourinho quando explicam que:

A constituição histórica da relação entre conhecimento e visão mostra que as crianças participam e vivenciam as influências, instabilidades e perturbações provocadas pela onipresença da imagem na vida cotidiana. Essa viragem visual, não apenas deslocou conceitos, mas puxou às avessas concepções sobre cultura, família e escola, abalando valores, questionando e, sobretudo, colocando sob suspeita discursos pedagógicos vigentes sobre a infância. Além de participantes desse mundo visual, as crianças também são alvo do poder de sedução da imagem e, com ela, constituem seus modos de ser, perceber, desejar e experimentar o mundo (Martins & Tourinho, 2010: 42).

As salas de aula são invadidas por artefatos visuais que ensinam, de maneira

explícita e eficiente, determinados valores sociais e afetivos. Estão presentes no cotidiano das crianças e produzem maneiras de olhar determinadas situações, produzindo e reproduzindo normas sociais às quais as crianças se adaptam para melhor interagirem umas com as outras.

As crianças não consomem somente produtos relacionados aos seus personagens preferidos, elas também são influenciadas por uma rede de significados que instauram e tornam vigentes determinados modos de ver, vestir, ser e pensar. Elas carregam seus personagens favoritos para dentro das salas de aula de diversas maneiras, até mesmo reproduzindo gestos e falas. Diante disso, penso ser iminente e necessária uma discussão sobre nossas relações com esse universo visual que atrai e envolve as crianças minimizando ou até mesmo neutralizando o impacto e aprendizagem das propostas pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

Quais ensinamentos são construídos pelos diversos artefatos visuais consumidos pelas crianças? O que dizem determinadas imagens e, por que dizem? Enquanto educadores, qual a nossa relação com esse universo visual construído para e sobre as infâncias?

De maneira geral, a escola procura combater os artefatos visuais oriundos da mídia televisiva ou de qualquer outra origem que não seja a cultura escolar. Enquanto um menino folheava seu álbum de figurinhas dos Rebeldes a professora se aproximou e ordenou que ele guardasse o álbum ressaltando que ali não era lugar apropriado para aquele artefato. Depois de alguns minutos o menino abriu seu caderno e iniciou um desenho da logomarca dos Rebeldes.

Outra situação mostrou a valorização das aprendizagens escolares formais em detrimento dos conhecimentos oriundos do cotidiano das alunas. Uma menina veio na minha direção após terminar sua prova de português e falou: “Se a prova fosse sobre os Rebeldes eu ia tirar 10 porque eu sei tudo sobre eles.” Esta situação evidencia que as pedagogias culturais atraem os interesses infantis, ensinam coisas, estão presentes de maneira marcante no dia-a-dia dos estudantes e entram nas salas de aula independentemente da autorização dos adultos ou dos professores. Mesmo assim, são desconsideradas e, muitas vezes repudiadas pelos interesses da instituição escolar.

Pereira (2008: 04) afirma que as “escolas continuam a naturalizar discursos que aprisionam os sujeitos em concepções únicas e verdadeiras, sem considerar a diversidade de olhares possíveis sobre os fatos sociais”. Elas buscam enquadrar a constituição dos envolvidos em apenas alguns referenciais hegemônicos. Alguns conhecimentos são considerados adequados para o trabalho pedagógico enquanto um universo de possibilidades é deixado de fora. Os Rebeldes se constituem parte destas oportunidades, mas estão ausentes nas reflexões das educadoras. Enquanto pesquisadora, me sinto instigada pelas

possibilidades de trabalhar com as visualidades e tramas dos Rebeldes em sala de aula.

2. Educação da Cultura Visual

A partir das concepções da educação da cultura visual penso algumas proposições/intenções para um currículo escolar que atenda as necessidades de crianças que interagem enfaticamente com imagens e artefactos culturais.

A relevância do trabalho com imagens e artefactos culturais nas escolas diz respeito a compreendê-las como deflagrações de representações sociais e culturais. Ou seja, a produção e a interpretação de uma imagem refletem o que um sujeito pensa sobre determinado assunto ou situação, denunciando pontos de vista e percepções sobre uma realidade. Em termos educacionais a “dimensão visual vai além de um repertório de eventos ou objetos visíveis porque pressupõe uma compreensão dos seus processos, o modo como operam, suas implicações e, principalmente, seus contextos” (Martins, 2009:35). Complementando e, pondo em perspectiva as implicações e contextos dos processos da dimensão visual, podemos ressaltar que a “experiência visual é um processo dinâmico e gradual, em constante transformação e, conseqüentemente, mais demorado e, portanto, mais abrangente do que a instantaneidade do ver” (Martins, 2009:35).

As/os estudantes contemporâneos apresentam vivências visuais diferentes de outras gerações, pois suas experiências são intermediadas por tecnologias apresentadas pela televisão, publicidade, filmes e vídeos, jogos eletrônicos e internet. A interação de alunas e alunos com novas tecnologias interfere diretamente nas maneiras como se relacionam com o ensino e com a aprendizagem escolar, pois a ênfase das instituições escolares em apenas alguns meios de expressão e de comunicação não atende as necessidades das/os estudantes que aprenderam a conviver com a diversidade visual.

Nessa perspectiva, procura-se: (1) entender/privilegiar/legitimar/questionar como as crianças constroem suas maneiras de ver o mundo e como passam a olhar as situações de determinadas formas e não por outras; (2) interrogar o contexto que vivemos considerando que “muito mais do que representar os sujeitos e os grupos, os artefactos e imagens instituem os modos de vermos os outros e de nos relacionarmos com o mundo” (Cunha, 2010:135) e; (3) privilegiar e facilitar experiências reflexivas críticas com as/os estudantes, desnaturalizando narrativas consolidadas e legitimando as crianças como produtoras de cultura visual. Isso significa mudanças decisivas para o currículo escolar e

reforça uma atitude política, no sentido mais abrangente do termo, de enfrentamento às constantes tentativas de naturalização e de manutenção do sistema educacional

atrelado ao passado. É impressionante a persistência de uma visão das escolas, do currículo e da atuação docente como “se fossem sempre assim e que não podem ser diferentes” (Nascimento, 2009: 41)

O convite da educação da cultura visual não está centrado somente no estudo de determinada imagem ou artefacto cultural, mas na relação das/os estudantes com esses elementos. Durante a pesquisa de campo, por exemplo, percebi que as/os alunas e alunos imitavam gestos, atitudes e jargões dos personagens da telenovela Rebelde. Essas imitações reproduziam os relacionamentos amorosos da trama, sendo que a relação das crianças com este artefacto indicava a repetição de narrativas naturalizadas sobre como meninas e meninos deveriam se relacionar amorosamente. As crianças falavam sobre “ficar” e namorar baseados nos acontecimentos da trama. Perceber os assuntos que emergem da interação entre estudantes e os artefactos com os quais convivem e admiram e, a partir disso, propor ações pedagógicas que rompam concepções consolidadas e que legitimem as narrativas daqueles que estão à margem das histórias oficiais é parte da proposta de uma educação da cultura visual.

Trabalhar com assuntos do cotidiano não implica desprezar conhecimentos escolares ou aqueles ditos de excelência, mas colocá-los em relação. As escolas ainda escolhem assuntos canônicos que não fazem sentido para a maioria das/os estudantes. Enquanto isso os conhecimentos fora da escola são atualizados, dinâmicos, interativos e sedutores. Cunha (2012:104) apresenta uma pertinente questão: “E por que não aproveitarmos essa satisfação estética, este vínculo afetivo que a maioria de nossos(as) alunos(as) tem com os artefactos culturais populares, para problematizar seus significados e criar, com os mesmos artefactos outras narrativas que possam contestá-los?”

Rebeldes não fazem parte do conteúdo curricular do 3º ano e nem estavam presentes nos planos de aula. Os Rebeldes não participaram do currículo oficial, mas estavam nas salas de aulas através dos gestos e preferências das/os estudantes. Estavam presentes na escola, constituindo e influenciando pensamentos e ações que não foram discutidos pelas/os educadoras/es. Duncun (2011: 22) defende práticas pedagógicas baseadas na problematização das interpretações dos artefactos culturais ao dizer que “o currículo deveria, pois, basear-se na natureza da cultura visual, especificamente nas experiências dos alunos relativas a ela e integradas ao conhecimento do professor.”

“Incentivar e vivenciar o protagonismo estudantil é outra meta da cultura visual” (Nascimento, 2009: 56). Entendo que as/os estudantes são produtores de cultura visual porque suas experiências ganham sentidos nas redes sociais e em atividades extracurriculares muitas vezes desconhecidas pelas/os professoras/s.

Este protagonismo questiona as relações de ensino e aprendizagem no momento em que incentiva o compartilhamento de conhecimentos entre professores e alunas/os. Nesse sentido, estudantes e professores aprendem e ensinam juntos.

Concordo com Aguirre (2013) quando defende esse protagonismo nas pesquisas realizadas no campo da cultura visual e amplio a questão ao dizer que essas/es alunas e alunos tem muitos conhecimentos para mostrar na escola e podem compartilhar os processos de ensino e aprendizagem nas salas de aula através de suas experiências.

Isso implica legitimar vozes e conhecimentos daquelas/es até então considerados receptores de verdades e conteúdos educacionais. A visibilização das expressões e vozes das/os estudantes não garante um processo igualitário e democrático em sala de aula, mas é uma tentativa de romper com práticas educativas que tem pouco sentido para as crianças e promover outras histórias, outras narrativas até então desprivilegiadas pelo âmbito escolar. É deles, alunas e alunos, e de seus contextos que surgem debates importantes e oportunidades para problematizar modos de ver.

Referências

- Aguirre, Imanol (2013) "Reflexividade e Desafios na Pesquisa com Jovens Produtores de Cultura Visual." In: Raimundo Martins & Irene Tourinho, (Org.). *Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. Santa Maria: Editora UFSM (no prelo).
- Cunha, Susana Rangel (2010) "As infâncias nas tramas da cultura visual." In: Raimundo Martins & Irene Tourinho (Org.) *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Editora UFSM.
- Cunha, Susana Rangel Vieira da (2012) Questionamentos de uma professora de arte sobre o ensino de arte na contemporaneidade. In: Raimundo Martins & Irene Tourinho (Org.) *Cultura das Imagens: desafios para a arte e para a educação*. Santa Maria: Editora UFSM.
- Duncun, Paul (2011) Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: Raimundo Martins & Irene Tourinho (Org.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora UFSM.
- Martins, Raimundo (2009) "Narrativas Visuais: Imagens, Visualidades e Experiência Educativa." *VIS — Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UNB*. V. 8, no 1.
- Martins, R.; Tourinho, I. (2010) "Culturas da infância e da imagem: aconteceu um fato grave, um incidente global." In: In: Raimundo Martins & Irene Tourinho (Org.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Editora UFSM.
- Nascimento, Erinaldo (2009) "Representações da morte para aproximar a escola da vida: uma experiência com a cultura visual no ensino básico." In: In: Raimundo Martins & Irene Tourinho (Org.). *Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM.
- Pereira, M. V. (2008) *A prática educacional em arte como experiência de resistência: inquietações de fim-de-século*. Trabalho apresentado no VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Itajaí (SC).

Contactar os autores: Lucianaborre@yahoo.com.br
/ raimundomartins2005@yahoo.es